



III SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE URBANIZAÇÃO DE FAVELAS - URBFAVELAS
Salvador - BA - Brasil

PRODUÇÃO SOCIAL NA URBANIZAÇÃO DE FAVELAS: TRABALHO E RENDA NO MORAR
CARIOCA BARREIRA DO VASCO, RIO DE JANEIRO

Bernardo Nascimento Soares (UFRJ / UNIGRANRIO) - bsoares.urb@gmail.com

Arquiteto e Urbanista (FAU/UFRJ) e mestre em Engenharia Urbana (PEU/POLI/UFRJ), com experiência em urbanização de favela pelo Programa Morar Carioca. Professor Substituto do DPA/FAU/UFRJ e Professor Colaborador da UNIGRANRIO.



PRODUÇÃO SOCIAL NA URBANIZAÇÃO DE FAVELAS:

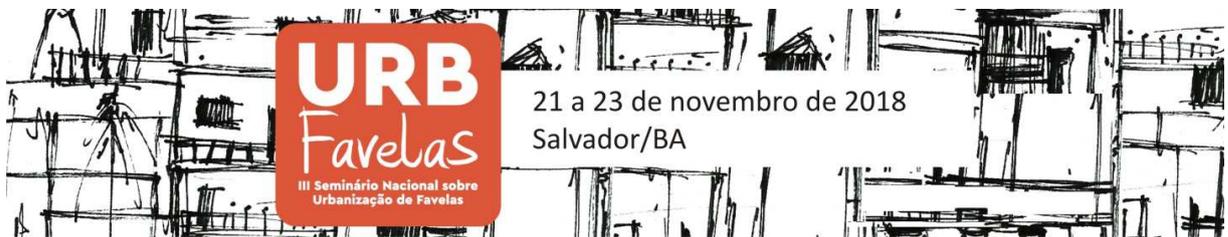
Trabalho e renda no Morar Carioca Barreira do Vasco, Rio de Janeiro

RESUMO:

O presente trabalho se inscreve no debate sobre a reprodução social e se propõe a levantar questões acerca da importância da geração de trabalho e renda e a provisão de espaços e equipamentos sociais para esta finalidade nas experiências em urbanização de favelas. Apresenta como fundamentação uma reflexão teórica e conceitual sobre a reprodução social e como arcabouço a análise sobre experiências anteriores marcantes, como o Favela Bairro e o PAC – observando suas características, seus alcances e suas limitações no tocante à sua atuação em relação ao conteúdo aqui apresentado. A análise então se volta para a experiência do primeiro objeto de contrato da Fase II do Morar Carioca – Programa de Urbanização de Assentamentos Precários Informais, na cidade do Rio de Janeiro desde 2010, o qual se refere ao Agrupamento 01 – Barreira do Vasco para avaliar como este componente tem sido incorporado sobre os planos de urbanização de favelas. Assim, busca uma contribuição para com novos estudos que venham a incorporar os elementos essenciais para o aprimoramento dessas práticas.

Palavras-chave: Produção Social do Espaço. Trabalho e Renda. Morar Carioca.

ST – 1: Projeto, Processo, Superação de Limitações.



1. INTRODUÇÃO

As Favelas, é preciso considerar, têm se demonstrado um fato irreversível do processo de urbanização marcado pela exclusão, pela desigualdade e pela pobreza, em que a cidade se torna o lugar do conflito, conforme assinalado por Milton Santos (2009). Esta forma de produção do espaço urbano – e de sua expansão –, apresenta uma expressão cada vez maior da expansão urbana, significando uma cifra cada vez maior em números absolutos e um território cada vez mais extenso em proporção ao tecido urbano, além de uma parcela cada vez mais significativa da população.

Deparamo-nos com “um mundo dominado pelas favelas”, conforme nos apresentou Ermínia Maricato (2007) sobre a publicação de Planeta Favela, de Mike Davis (2006). Após mais de 30 anos do panorama global sobre as favelas apresentado (o autor investiga as origens do crescimento vertiginoso da população em moradias precárias a partir dos anos 80), continuamos a observar esse fenômeno se generalizando e se expandindo globalmente. Isto é, aqueles dados, que então já se demonstravam alarmantes, permanecem em crescimento sendo acompanhados de problemáticas urbanísticas compostas por dimensões sociais, econômicas e ambientais.

O Brasil, país que se apresenta como uma das referências mundiais em termos de urbanização, desde as experiências pioneiras no Rio de Janeiro após o programa de Remoção sob Carlos Lacerda e passando pela atuação do grupo Quadra junto à Companhia de Desenvolvimento de Comunidade (Codesco), representada por Carlos Nelson Ferreira dos Santos, ainda enfrenta muitos desafios que, apesar de conhecimento e técnica acumulados, perpassa esferas políticas, ideológicas e culturais. Sua relevância, apesar disto, ainda não demonstra alcance de “centralidade” no empenho orçamentário em gestões públicas e municipais” (FERREIRA, 2017, p. 3). Tampouco a problemática recebe suficiente atenção como tema de estudos e formação nas faculdades de Arquitetura e Urbanismo, assim como em atividades de pesquisa. O mesmo se aplica aos debates acadêmicos e profissionais, salvo em casos especiais.

No entanto, embora reconhecido, no início do texto, como “irreversível”, o fato da favelização não deve ser encarado como “consumado”. É preciso tratar de alternativas através de políticas



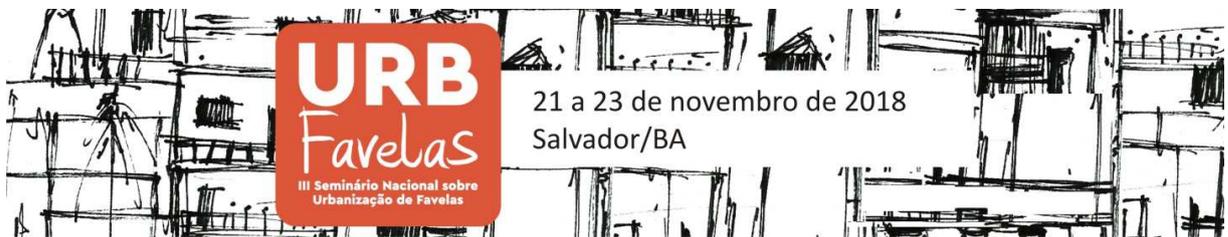
públicas, de metodologias, de técnicas e de experimentações práticas, além da formação e da pesquisa acadêmicas.

Neste sentido, este trabalho propõe uma reflexão sobre a teoria e a práxis em urbanização de favelas, em que pese, por um lado, a supremacia da produção habitacional e, de outro, a redução da infraestrutura urbana. A reflexão proposta é acompanhada do estímulo à geração de emprego e renda como componente essencial da reprodução social e que, por isto, seja tomada com maior importância como elemento de materialização da produção do espaço urbano nessas formas de intervenção. De acordo, a geração de trabalho e renda, entendida como meio de reprodução social e garantida pela urbanização de favela poderá, no perspectiva do trabalho, contribuir para a melhoria da qualidade desses espaços. Assim, o pensamento e a ação em Arquitetura e Urbanismo devem ser acompanhados da criação e da provisão de novos espaços para este tipo de atividade, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida e como fator de justiça social para a população local.

Este artigo pretende levantar questões acerca da importância da geração de trabalho e renda e a provisão de espaços e equipamentos sociais para esta finalidade nas experiências em urbanização de favelas. Apresenta como fundamentação uma reflexão teórica e conceitual sobre a reprodução social e como arcabouço a análise sobre experiências anteriores marcantes, como o Favela Bairro e o PAC – e sua atuação em relação ao conteúdo apresentado. A análise então se volta para a experiência do primeiro objeto de estudo da Fase II do Morar Carioca – Programa de Urbanização de Assentamentos Precários Informais, na cidade do Rio de Janeiro desde 2010, o qual se refere ao Agrupamento 01 – Barreira do Vasco para avaliar como este componente tem sido incorporado sobre os planos de urbanização de favelas.

2. REPRODUÇÃO SOCIAL NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO

Primeiramente, o trabalho busca trazer uma sucinta reflexão teórica e conceitual sobre a reprodução social como componente irreprezível para a compreensão do espaço e a perspectiva sobre a urbanização de favelas.



Compreendendo a reprodução social a partir do “modo” como são produzidas e reproduzidas as relações sociais na sociedade, abarca-se a manifestação dessas relações no espaço. Isto é, as relações sociais estão diretamente relacionadas com o espaço, meio que então aparece, simultaneamente, como produto e processo – e portanto, produtor das relações sociais, estabelecendo entre si uma relação dialética.

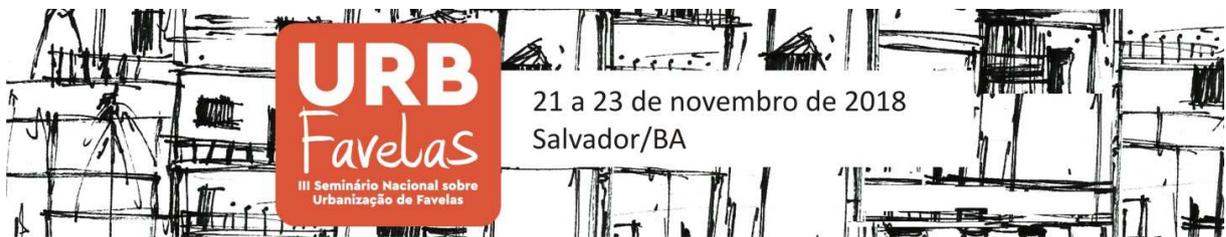
Na busca por uma síntese sobre uma teoria do espaço, em que se abordem os aspectos de sua produção social, Mark Gottdiener (2010) nos apresenta uma abordagem da produção social do espaço urbano em que propõe a substituição dos paradigmas convencionais e a ampliação para além das dimensões morfológicas em sua análise. Através do autor, percebe-se o espaço como produto material de uma formação social, também encontrada em Manuel Castells (1983), e o espaço como o local da ação e da possibilidade, conforme Henri Lefebvre (2000). Em todo caso, o produto material e formal do espaço é compreendido como resultado da organização da sociedade (PEREIRA, Silvia Regina, 2005), isto é, de suas relações sociais sobre os padrões de uso da terra e de realização do ambiente construído.

Assim, Gottdiener nos apresenta o espaço urbano como produto – e produtor – de transformações da organização social:

O espaço é ao mesmo tempo o local geográfico da ação e a possibilidade de engajar-se na ação (GOTTDIENER, 2010, p.127).

Embora a proposta deste trabalho não seja explicar ou se aprofundar sobre a diversidade e interdisciplinaridade dos fatores das transformações da organização social – pois, para o próprio Gottdiener as abordagens convencionais como as da ecologia, sociologia e economia urbanas têm sido insuficientes e se restringido ao aspecto da morfologia –, cabe aqui o aproveitamento deste arcabouço para direcionar o estudo da reprodução social para a perspectiva sobre a urbanização de favelas. O que se argumenta, portanto, é que se incorporem as dimensões social e cultural dessas transformações, defendidas pelo autor, à dimensão econômica.

Portanto, busca-se agregar todas as dimensões para o reconhecimento desta dialética com o espaço urbano, em uma perspectiva sobre a vida cotidiana e a escala local, em que a atribuir, através da urbanização, novas condições de organização social crie novas possibilidades de mudança da estrutura urbana, isto é, para a reprodução social do espaço. E, nesse sentido,



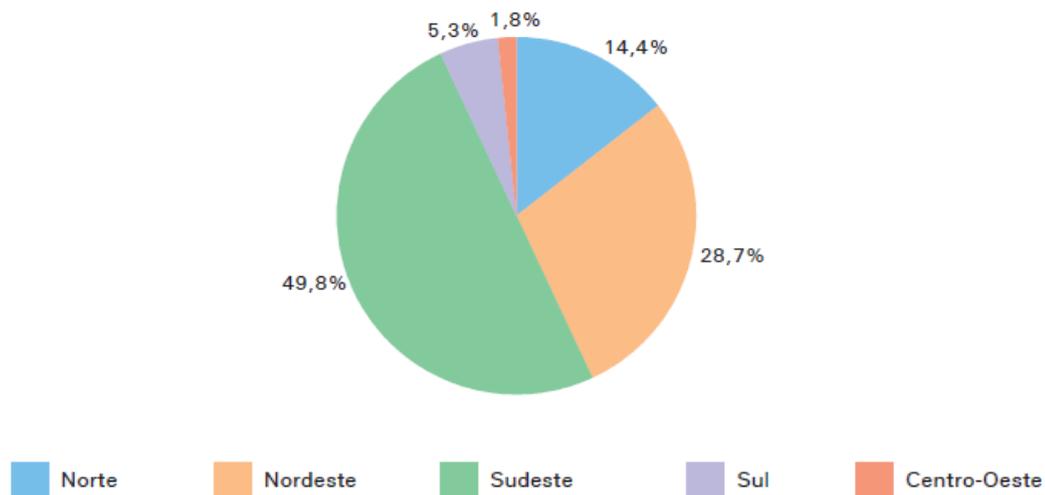
obtem-se na condição de trabalho – e sua respectiva qualidade de geração de renda - uma contribuição para a garantia ou melhor condição de direitos sociais e de uma série de bens e serviços urbanos.

3. REPRODUÇÃO SOCIAL DO ESPAÇO EM URBANIZAÇÃO DE FAVELAS: VAMOS ALÉM DA HABITAÇÃO E DA INFRAESTRUTURA URBANA?

A partir de uma análise sobre os resultados do Levantamento de Informações Territoriais e as referentes informações sobre “aglomerados subnormais”¹ (IBGE, 2013) identificam-se no território nacional, ao todo, 6.329 aglomerados subnormais. De acordo com o Censo 2010, um total de 11.425.529 de pessoas, correspondentes a 6% da população do país, morava em aglomerados subnormais, distribuindo-se em um total de 3.224.529 domicílios particulares, correspondentes a 5,6% do Brasil.

Esta parcela de domicílios se concentra nas regiões metropolitanas, principalmente nas da região sudeste e, em seguida, entre a região nordeste, conforme as figuras abaixo:

Figura 1: Distribuição de domicílios em aglomerados subnormais.



Fonte: IBGE (2013).

¹Termo definido pelo IBGE (2013): “conjunto constituído de, no mínimo, 51 unidades habitacionais (barracos, casas, etc.) carentes, em sua maioria de serviços públicos essenciais, ocupando ou tendo ocupado, até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular) e estando dispostas, em geral, de forma desordenada e/ou densa”, identificado pela “ocupação ilegal da terra”, pela “urbanização fora dos padrões vigentes”; e pela “precariedade dos serviços públicos essenciais”.

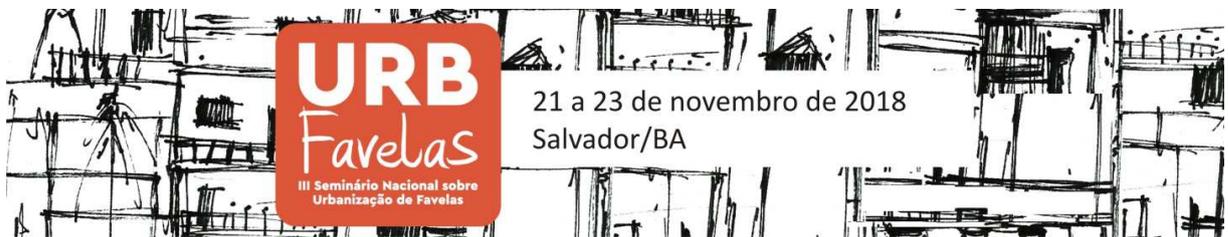
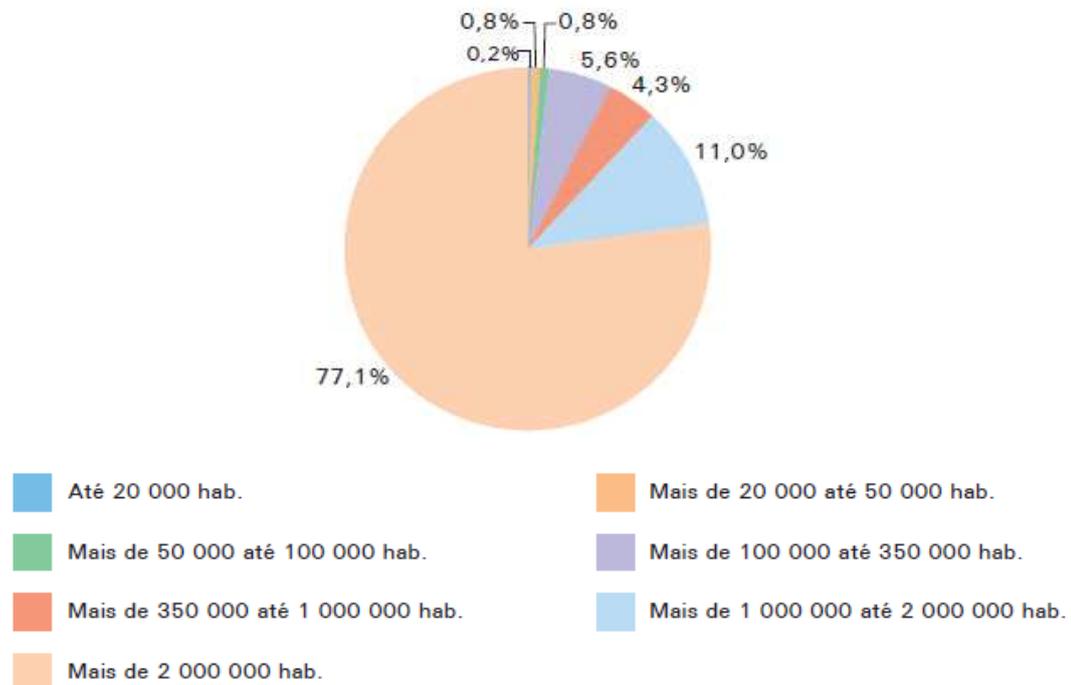


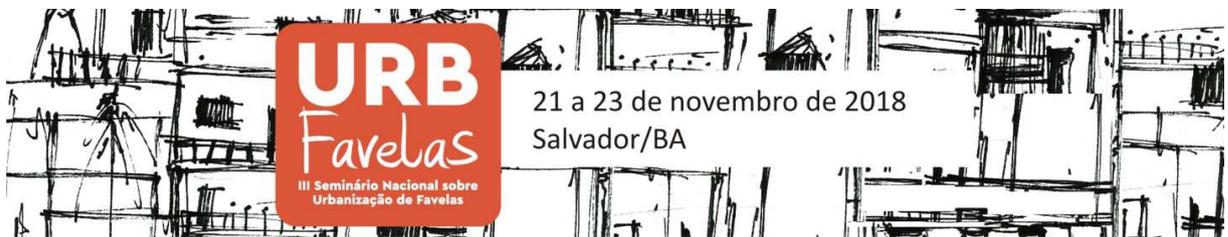
Figura 2: Percentual de domicílios em aglomerados subnormais, por classes de tamanho da população dos municípios das Regiões Metropolitanas – 2010.



Fonte: IBGE (2013).

Os dois gráficos, de forma associada, representam uma relação entre a distribuição e o crescimento dos aglomerados subnormais e a distribuição da oferta de trabalho. Isto é, as favelas se concentram nas duas maiores metrópoles do país – São Paulo e Rio de Janeiro, nas quais também se concentra a oferta de trabalho (FILHO e CUNHA, 2017, p. 136). As favelas se, em escala nacional, também distribuem conforme as maiores metrópoles – aquelas com maior potencial de oferta de trabalho, considerando-se as diferenças e particularidades regionais e demais fatores advindos do processo de urbanização excludente e desigual, a exemplo da Região Nordeste.

A observação desta relação tem importância pois, Conforme Camarano (2006), *apud* Filho e Cunha (op. Cit., p. 137), “a oferta de trabalho está fortemente relacionada ao processo demográfico”, assim como aos movimentos migratórios. E, do mesmo modo, o fenômeno da



favelização é, estritamente, decorrente da urbanização intensa e desenfreada, da capacidade de atração e concentração dos centros urbanos, do movimento de migração, da incapacidade de absorção de grandes parcelas de população pela estrutura urbana etc. o que significa que há uma clara relação entre a formação e o crescimento das favelas com o movimento procura versus a oferta de trabalho nas cidades e, especialmente, nas metrópoles.

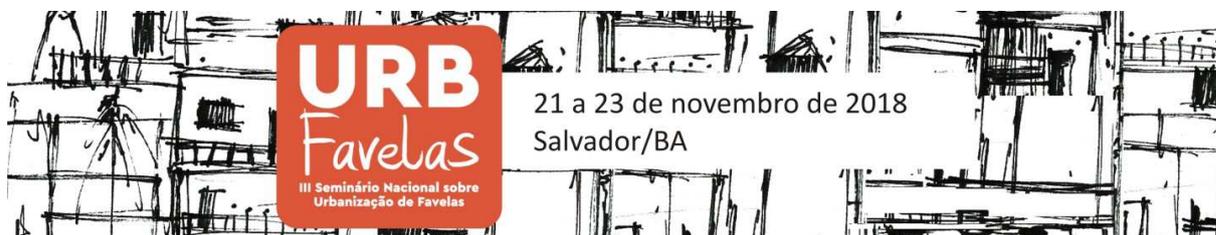
Nesse sentido, a diferenciação social do espaço da favela em relação às áreas regulares do tecido urbano reflete uma diferenciação da inserção do indivíduo na sociedade e, espacialmente, na cidade. Este reflexo revela não apenas a diferença sobre o acesso e a distribuição de trabalho e renda como também a outros bens e serviços urbanos já muito debatida em diversos trabalhos. No entanto, o que se propõe a observar é que a dificuldade do acesso ao trabalho e renda como bem de reprodução social pode contribuir para a distribuição [desequilibrada] do acesso aos demais bens, assim como para os modos de reprodução do espaço urbano, especialmente nas favelas, incidindo sobre sua expansão e sobre suas condições de precariedade. Esta relação, por sua vez, se impõe como um círculo vicioso.

Figura 3: O perfil das favelas e de seus moradores: perfil do morador.



Fonte: UOL (2013).

Este diagrama representa uma síntese sobre o “perfil do morador” nas favelas do país, segundo o IBGE (Censo 2010). Através dele, pode-se observar as diferenças entre o acesso a determinados bens entre moradores de favelas e moradores de outras áreas, regulares, no país. Contudo, estabelece também que pode haver uma relação entre a restrição de acesso a determinados bens e a condição de inserção no mercado de trabalho e a faixa de renda. Isto é, conquanto a população em favelas apresenta, evidentemente, os menores salários e menor



acesso ao trabalho – especialmente o formal –, ela apresenta maior dependência do ensino público (ou de ações afirmativas), menor ingresso na formação de ensino superior, menor acesso a bens duráveis (automóvel, motocicleta, microcomputador, eletrodomésticos etc.) e menor condição de mobilidade. Isto ocorre com os demais bens e serviços públicos, para os quais também apresentará maior dependência, e, primordialmente, para a habitação. E isto significa que, com condições mais restritas de acesso ao trabalho e renda como bem social, a população em favelas terá piores condições de reprodução social. Assim, o estudo sobre a urbanização de favelas não pode deixar de estar associado a esse componente, nem deixar de levantar alternativas não apenas de políticas públicas como também de produção material no espaço.

Voltando-se o estudo para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro, o Censo 2010 identifica que os aglomerados subnormais abrigavam 520.260 domicílios particulares ocupados, sendo que destes, 426.965, isto é, 82% se concentravam no município núcleo, a cidade do Rio de Janeiro.

Figura 4: Aglomerados subnormais na Região Metropolitana do Rio de Janeiro.



Fonte: IBGE, Censo 2010: Aglomerados Subnormais, Informações Territoriais.

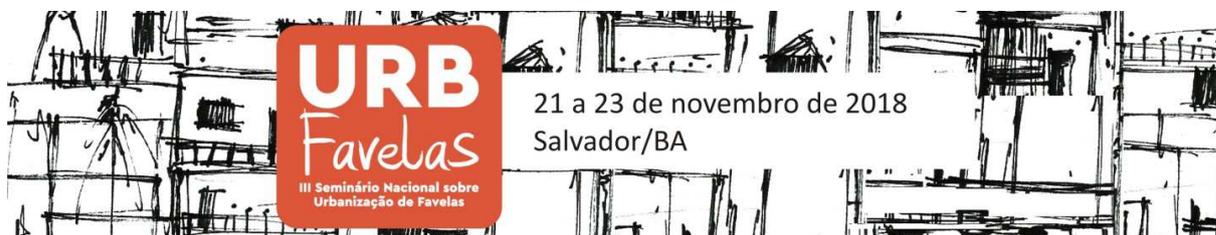


O mapa apresenta a distribuição espacial, na região metropolitana, das favelas. Esta distribuição está, em conformidade à análise apresentada, relacionada às dinâmicas de atividade econômicas realizadas em cada município integrante, assim como à oferta de trabalho e às condições de renda, além, é claro, de questões fundiárias referente ao uso do solo, ao valor da terra e à disputa territorial – que se tornam objeto de outros trabalhos. Isto é, as favelas se originam e se expandem, com maior expressão, em regiões onde a possibilidade de inserção no mercado de trabalho é mais potencializada. Ao se realizar uma abordagem em escala local – do município núcleo –, a distribuição se dá de uma forma peculiar. Embora a dinâmica da oferta de trabalho permaneça, ela tem influência regional.

A capital apresenta uma população de 1.434.975 habitantes em favela, 22% da população geral de 6.320.446 pessoas (IBGE, Censo 2010). E, de acordo com o Sistema de Assentamentos de Baixa Renda, do Instituto Pereira Passos (SABREN/IPP), há, atualmente, 1.018 favelas na cidade do Rio de Janeiro.

O Censo 2010 também reconhece que as favelas mais antigas da capital se concentravam na área central, nos bairros da grande Tijuca e na porção zona sul da cidade. Embora a distribuição atualmente não corresponda a esta mesma proporção, ela ratifica a concentração nas áreas de maior oferta de trabalho e emprego. Isto é, o estudo estatístico reforça a problematização histórica sobre a favelização, em que a busca por trabalho e renda se destaca na busca pelas melhores condições de vida e reprodução social. É um movimento excludente e desigual, cujos reflexos se materializam na segregação sócio espacial. E que perdura, se complexifica e se expande enquanto a demanda por trabalho e renda não apresenta certa equidade na relação estabelecida pela lei de oferta e procura nem alternativa para a produção de espaços voltado para a oferta e o desenvolvimento desta atividade.

Por outro lado, ao analisar-se a trajetória da experiência em planos de urbanização de favelas, percebem-se alguns limites no tocante à incorporação da geração de trabalho e renda como item fundamental à reprodução social e como bem e serviço urbano. Relativamente, ainda são poucos os exemplos que o incluem devidamente e que, potencialmente, o materializam não apenas como parte de políticas públicas como também dos equipamentos sociais e componentes espaciais dos projetos urbanísticos.



Embora o conceito aparece e seja preconizado nos programas de urbanização, nem sempre ultrapassam o limiar entre idealização e realização.

Já no Favela Bairro é possível identificar tal preconização. O próprio idealizador do programa, Luiz Paulo Conde², então considerava que transformar as favelas em bairro – mote do programa – significaria garantir aos assentamentos precários o fornecimento de “serviços sociais básicos”. No entanto, estes serviços não se limitariam à infraestrutura urbana, à habitação e a equipamentos de saúde, educação, cultura e lazer. Buscava-se promover o desenvolvimento de atividades econômicas através de programas de geração de trabalho e renda, em que Conde destacava a criação de um banco de crédito popular para o financiamento de pequenos empreendedores e projetos de capacitação e de geração de renda, desenvolvidos em parceria com a UFF e a COPPE/UFRJ, além do SEBRAE, o SESC, o SENAI e o SESI³.

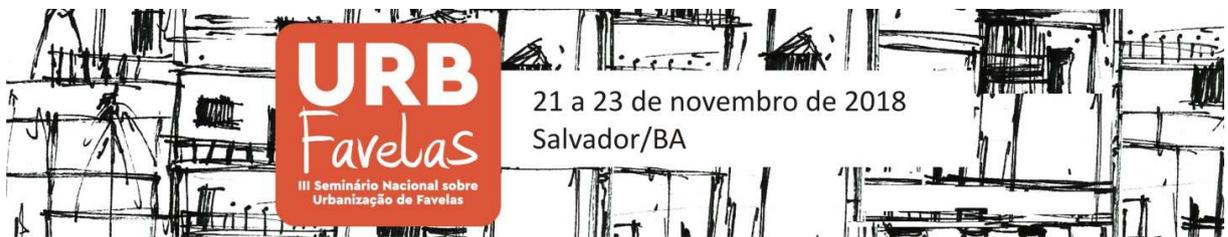
No entanto, a partir da leitura do quadro estatístico⁴, observa-se que os dados sobre as intervenções do programa se concentram sobre os setores da infraestrutura urbana e dos equipamentos comunitários. Sobre projetos de edificações para habitação ou comércio e serviços, os dados se concentram sobre a primeira, não se remetendo claramente a propostas de espaços para a geração de trabalho e renda, inclusive para a formação e o aperfeiçoamento profissionais. O mesmo se observa através das propostas metodológicas e os projetos em geral, em que este componente ainda aparece de forma incipiente enquanto conteúdo do programa.

Por outro lado, através do Programa de Aceleração do Crescimento, o PAC, que, dentre outras vertentes, concentrou as obras de urbanização de favelas a nível federal e, também, na cidade do Rio de Janeiro, com exceção do Morar Carioca, lançado pela prefeitura em 2011.

² O Arquiteto e Urbanista Luiz Paulo Conde foi secretário de urbanismo da Prefeitura do Rio de Janeiro sob a primeira gestão de Cesar Maia, entre 1993 e 1997, quando cria o Favela Bairro. Sucedeu à prefeitura entre 1997 e 2001, sendo então sucedido por Cesar Maia.

³ Em entrevista a *Vivercidades*, publicada em Conde, Magalhães (2004, pp. XXX-XXXI).

⁴ Fonte: Catálogo das intervenções da política habitacional da cidade do Rio de Janeiro. SMH, out. 1998. Anuário estatístico da cidade do Rio de Janeiro, 1996. In: Conde, Magalhães (2004, pp. 147-155).



Segundo o registro das intervenções de urbanização de favelas pelo PAC, publicado pelo Ministério das Cidades, o conceito das intervenções apresenta como uma das dimensões da inclusão social o fomento ao

(...) desenvolvimento socioeconômico das comunidades, por meio de ações educativas e de enfrentamento das vulnerabilidades diagnosticadas, bem como mediante a promoção e/ou articulação com programas de qualificação profissional, de apoio ao cooperativismo e de geração de trabalho e renda, a partir da análise das demandas e potencialidades locais (BRASIL. MINISTÉRIO DAS CIDADES, 2010, pp. 18-19).

Há, portanto, uma expectativa por ações de geração de trabalho e renda direcionadas à população local. Mas também, expressivamente, através da provisão de equipamentos sociais voltados para o comércio local e para o incentivo ao mercado de trabalho e à oferta de emprego na escala local, além da assistência social.

O 6º Balanço do PAC (2015-2018) – sua última edição –, realizado pela Secretaria de Desenvolvimento da Infraestrutura (SDI) do Ministério das Cidades, aponta que o eixo de Infraestrutura Social e Urbana, que abrange a urbanização de favelas, é o que recebeu maior investimento⁵. O eixo de Infraestrutura Social e Urbana, por sua vez, se subdivide entre Habitação, Mobilidade Urbana, Saneamento, Prevenção em Áreas de Risco, Recursos Hídricos, Equipamentos Sociais, Cidades Históricas e “Luz para Todos”. Dentro da área da Habitação, as ações em urbanização de favela se delimitam pela produção de moradia, concentrada pelo Programa Minha Casa Minha Vida.

Dentre os equipamentos sociais previstos e citados como propostas pelo programa, destacam-se os de empreendimentos do eixo de Infraestrutura Social e Urbana⁶, dentre os quais estão os tipos destinados às obras de urbanização de favelas. São eles: Centros de Artes e Esportes Unificados (CEUs); Centros de Iniciação ao Esporte (CIEs); Cidades Digitais, Cidades Históricas; Creches e Pré Escolas; Infraestrutura Turística; Educação (Instituições Federais de

⁵ O PAC se estrutura em 3 eixos de infraestrutura: Logística, Energia e Social e Urbana, cada um com investimentos de R\$ 16,2 bilhões, R\$ 98,7 bilhões e R\$ 110,9 bilhões, respectivamente.

⁶ Lista de Empreendimentos do PAC, por eixo, tipo, subtipo, órgão responsável pela execução, título e localização. Disponível em: <<http://www.pac.gov.br/pub/up/relatorio/de228cb83271eab138832f1c74d65dd3.pdf>>. Acesso em: 29 mai. 2018.



Ensino Superior); Luz para Todos; Mobilidade Urbana; Olimpíadas (Centros Olímpicos e Paraolímpicos); Pavimentação; Prevenção em áreas de risco; Quadras Esportivas nas Escolas; Recursos Hídricos; Saneamento; Unidades Básicas de Saúde (UBSs); Unidades de Pronto Atendimento (UPAs); o MCMV, na produção habitacional; e, finalmente, a Urbanização de assentamentos precários – contemplando inclusive Assistência Técnica, Desenvolvimento Institucional, Lotes Urbanizados, Planos Locais de Habitação, Provisão Habitacional, Requalificação de Imóveis e a Urbanização propriamente dita (Obras, Estudos e Projetos. Contudo, nesta distribuição há uma grande proporção para intervenções de equipamentos educacionais, esportivos e de saúde, além de recursos hídricos e de saneamento. As intervenções de urbanização aparecem, relativamente, de forma menos expressiva e não há referências diretas a equipamentos voltados para a geração de trabalho e renda – o que se pressupõe que venham a partir das propostas dos estudos e projetos urbanísticos.

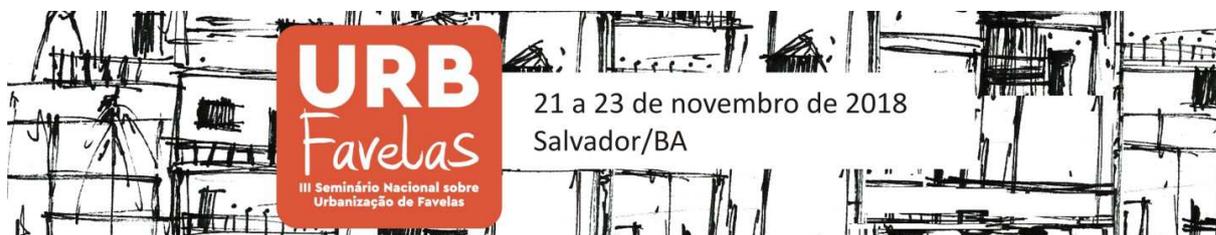
Isto é, ao passo que a cartilha sobre o Balanço divulga um panorama sobre os investimentos e as execuções, a lista das intervenções proporciona uma percepção de que o programa ainda carece de propostas bem definidas voltadas para a formação e/ou aperfeiçoamento profissionais e a inserção no mercado de trabalho, através da geração de emprego associada à produção do espaço e a provisão de equipamentos nas intervenções de urbanização de favelas.

4. O MORAR CARIOCA NA BARREIRA DO VASCO: UM ESTUDO DE CASO

4.1 O Agrupamento 01: Barreira do Vasco

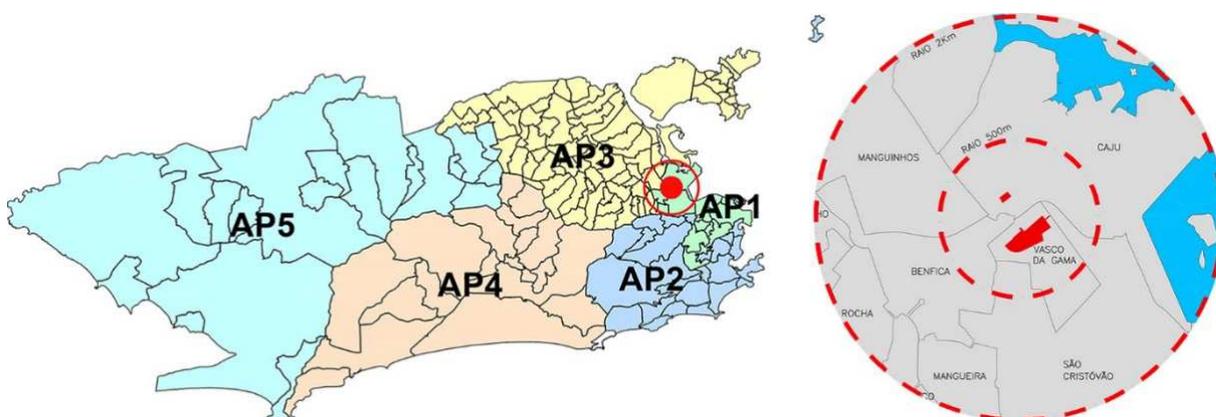
A Favela Barreira do Vasco compõe, junto à Favela Vila do Mexicano, situada no bairro do Caju, o Agrupamento 01 do Morar Carioca Fase II⁷. Situa-se na VII Região Administrativa – São Cristóvão, e é parte da Área de Planejamento I, na Região Central do Rio de Janeiro. A formação deste primeiro agrupamento, embora não apresente uma relação objetiva entre essas duas favelas – quer seja por uma integração físico territorial ou por uma inter-relação sócio

⁷O programa é subdividido em três fases, sendo que a fase II corresponde à priorização de 40 agrupamentos de favelas, conforme classificação supracitada, fazendo parte de um convênio firmado entre a Prefeitura e o IAB, com a realização do Concurso para o Morar Carioca, com o objetivo de selecionar equipes multidisciplinares, coordenadas por arquitetos, para a elaboração dos projetos de urbanização para as respectivas favelas. Para maior esclarecimento e distinções sobre as fases, ver Soares (2016).



econômica –, se deve a um fator de localização e de inserção no contexto dos Megaeventos esportivos associados a projetos urbanos. A Barreira do Vasco se situa diante de um equipamento esportivo que, ao menos até o lançamento do Morar Carioca e a seleção de favelas atendidas, teria sido um *cluster* olímpico: o Estádio São Januário⁸. A localização das favelas do agrupamento é apresentada na figura abaixo:

Figura 5: Mapas com a localização do Agrupamento 01 no município e no entorno.



Fonte: HDAA (2012a).

Para fins deste trabalho, a análise se direciona, especificamente, à Favela Barreira do Vasco. Isto porque se trata de uma favela que apresenta uma dinâmica mais intensa de processo de ocupação, assim como de relações sócio econômicas junto à região e à cidade do Rio de Janeiro. Inclusive por apresentar números muito expressivos em termos de população, domicílios, e de densidade construtiva⁹.

Durante o Diagnóstico Sócio Participativo, dentre problemas, necessidades levantados por moradores locais e avaliados por equipe interdisciplinar, podem-se destacar, para além da constantes de “ameaça latente da remoção” da favela e/ou relocação dos moradores e de “déficit em bens e serviços urbanos, a demanda por equipamentos de ensino, de capacitação e “aperfeiçoamento profissional” e para a promoção de “projetos sociais” (SOARES, 2016). De

⁸O estádio seria utilizado para a realização das competições de rúgbi nas Olimpíadas Rio 2016.

⁹ Favela Barreira do Vasco é composta por um total de 4.014 domicílios, apresentando uma relação domicílios/edificação equivalente a 2,19. Sua população estimada, em 2012, é equivalente a 11.286 habitantes.



acordo com o escopo do programa, a exposição dessas percepções subsidiaria a elaboração de uma proposta física urbanística, não apenas atendendo aos componentes para a reprodução social conforme apresentado por este trabalho como, também, contemplando às demandas da própria população local.

4.2 Alcances e limites do Morar Carioca na Barreira do Vasco

Sendo a estrutura do Programa Morar Carioca dividida em três etapas – Diagnóstico, Plano de Intervenção e Projeto Básico–, além dos Serviços Adicionais e dos Projetos de Edificações à parte, seu escopo¹⁰ abre grandes possibilidades aprimorar as práticas em urbanização de favelas, incluindo aí a provisão de espaços para a geração de trabalho e renda, conforme a abordagem deste trabalho¹¹.

Na etapa do Plano de Intervenção, propõe-se um estudo de possibilidades de intervenções para o entorno dos agrupamentos, sendo chamado de Plano de Integração¹². No caso do Agrupamento 01, isto pôde ser aproveitado para a criação de diversos cenários de integração social e físico urbanística com o entorno e a cidade. Algumas destas propostas, isto é, as que se referem a criação de espaços para a geração de trabalho e renda, podem ser vistas abaixo:

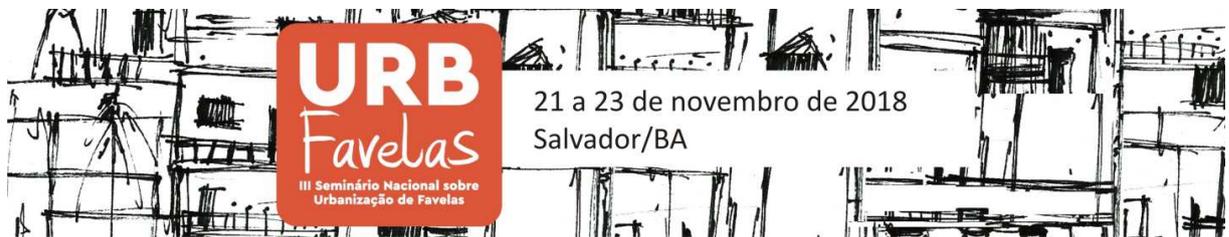
Figura 6: Quadro de Possibilidades de Intervenção.

	DEMANDAS IDENTIFICADAS	PROPOSTAS	POSSÍVEL SOLUÇÃO
EQUIPAMENTOS	Equipamento de Cultura e Lazer; demanda por de Trabalho e Emprego	CIDADE DO SAMBA II	Proposta existente para a área, independente deste projeto: integração da favela Barreira do Vasco à cidade, com potencial de cultura e lazer e de postos de trabalho para fortalecer o emprego e a renda dos moradores da favela e do entorno; possibilidade de interligação com o Serviço Nacional de Aprendizagem, de modo a integrar a proposta de urbanização
	Espaços de capacitação técnica e de integração social; áreas de esporte e formação profissional	SENAI / SESI / CIS	Proposta desenvolvida para a área em função das demandas por trabalho e renda identificadas . Ideia a ser desenvolvida no Plano de Intervenção, próxima etapa.
	Equipamento de Cultura e Lazer	PALÁCIO DO FUNK	Proposta existente para a área, independente deste projeto: integração da favela Barreira do Vasco à cidade, com potencial cultural e de criação de postos de trabalho para fortalecer o emprego e a renda dos moradores da favela.
	Espaços para comércio e serviços e geração	MALL	Potencial de postos de trabalho para fortalecer o emprego e a renda dos moradores da favela e do entorno; oferta de espaços comerciais e corporativos e de pequenos serviços para

¹⁰ Secretaria Municipal de Habitação/Subsecretaria de Projetos e Obras/Coordenadoria de Planejamento e Projetos/Gerência de Projetos (2012).

¹¹ Para uma descrição mais detalhada sobre o conteúdo de cada etapa do Morar Carioca, ver Soares (2016).

¹² O Plano de Integração surge como uma proposta de inovação e superação em relação às experiências do Favela Bairro, que teriam se restringido às delimitações das próprias favelas contempladas pelo programa, não estabelecendo integração com o entorno.



detrabalho e renda	atender à favela e ao entorno.
--------------------	--------------------------------

Fonte: adaptado de HDAA (2012b).

Estas propostas conduziram o viés da integração social contido na proposta, materializando-se no Plano de Integração ilustrado pela imagem abaixo:

Figura 7: Mapa do Plano de Integração com Espaço para Comércio e Serviços e geração de trabalho e renda e Equipamentos Sociais



Fonte: HDAA (2012a).

Na figura acima observam-se as propostas do Plano de Integração, elaborado pela contratada, e que ainda foram contemplada durante o avanço e a conclusão da etapa do Plano de Intervenção. Em destaque, em branco, estão as edificações propostas como equipamentos sociais. E, em vermelho, as propostas para SESI / SENAI/ CIS, no interior da favela, e do MALL, no entorno imediato, de frente para o principal acesso à Barreira do Vasco.

As propostas para o Serviço Social da Indústria, associadas ao Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial cumpririam uma dupla função pela integração social: a formação e o aperfeiçoamento profissional e a inserção no mercado de trabalho – com a possibilidade de



ocorrer diretamente, no próprio local, com a vinculação dos serviços. Isto contribuiria, portanto, com a geração de trabalho e renda no local, além de oferecer demais serviços necessários. E o Centro de Integração Social prestaria um serviço geral à comunidade local, incluindo orientações e assessorias para o mercado de trabalho.

E a proposta do Mall apresentaria a possibilidade da oferta de uma diversidade de espaços comerciais e de prestação de serviços, que tanto contribuiriam para a criação de postos de trabalho e a absorção de mão de obra local como poderiam apresentar um viés de tipologias comerciais e serviços para o empreendedorismo local, considerando-se a diversidade atuações técnicas e profissionais presente na favela, conforme analisado durante o Diagnóstico.

Com isso, as propostas do Plano de Integração poderiam trazer uma considerável contribuição para a reprodução social através da criação de espaços para a geração de trabalho e renda na favela e no entorno, reforçando uma ideia pouco presente e, absolutamente, prescinde a experiências em urbanização de favelas anteriores.

No caso do Morar Carioca, as propostas de provisão de equipamentos sociais, assim como de produção habitacional, permaneceram durante todo o desenvolvimento da etapa do Plano de Intervenção. Contudo, as condicionantes de projeto são profundamente alteradas na etapa seguinte, o Projeto Básico, em que se suprimem estas propostas essenciais e o plano se resume a intervenções de infraestrutura urbana. Essas modificações, é preciso frisar, não são particularidade de um plano o mesmo do programa. Elas se inserem num paradigma marcado pelo Planejamento Estratégico e constituem uma “metamorfose de objetivos” que, sob a égide da realização dos Megaeventos esportivos, “provocaram inversão nas ordens das agendas, passando a dirigir todas as demandas de políticas públicas definidas desde então” (SOUZA, 2014, p. 3)¹³. O que induz a estas modificações e a supressão destes conteúdos devem, portanto, ser investigado com mais profundidade, demandando trabalhos futuros para o

¹³ Cabe ressaltar que o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) teria declarado seu apoio financeiro com o aporte de recursos na ordem de US\$ 150 milhões, “destinados a beneficiar ‘100 mil pessoas em 30 favelas e seis assentamentos irregulares’” (Ibid., p.4). Ainda segundo Souza, a exoneração do então Secretário de Habitação, Jorge Bittar, e sua substituição por Pierre Domiciano Batista – no contexto de rearticulação das alianças partidárias após a reeleição do Prefeito Eduardo Paes – marcam “reformulação não apenas do programa, mas de todos os projetos e programas conduzidos pelo mandato anterior da SMH, bastando mencionar que o paradigma de orientação das políticas municipais a partir de então passará a ser o 2º Plano Estratégico do Rio de Janeiro 2013-2016” (Ibid., p.7), em que apresenta uma versão diversa do Decreto Nº 36.388.



reconhecimento sobre as limitações e entraves sobre a urbanização de favelas que perpassam o papel político ao alcance do arquiteto.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho busca argumentar sobre a importância da reprodução social na urbanização de favelas. Diante do quadro alarmante da urbanização excludente e desigual, marcada pela pobreza e pelos conflitos sociais, reconhece a expansão das favelas em termos demográficos e territoriais associada aos aspectos da qualidade de vida e da justiça social. E tem, no conceito apresentado, a possibilidade da geração de trabalho e renda como um componente fundamental para a produção social do espaço urbano e a sustentabilidade dos programas de urbanização.

Em primeiro lugar, propõe uma sucinta reflexão teórica e conceitual sobre a reprodução social, observando que a organização social e a produção social do espaço estabelecem uma relação dialética, em que atribuir novas condições para a primeira pode criar novas possibilidades de transformações na segunda. Isto é, reconhecer a geração de trabalho e renda na produção do espaço pode contribuir para a garantia ou melhor condição de direitos sociais e para a própria qualidade espacial nas favelas urbanizadas.

Em seguida, apresenta-se um breve panorama territorial sobre as favelas no Brasil, com destaque para as regiões metropolitanas, observando a associação entre a busca por trabalho e melhores condições de vida através da renda com o fenômeno da favelização, inserida do contexto da problemática urbanização brasileira. Observa-se aí que, ao passo que as favelas surgem como uma alternativa habitacional para uma considerável parcela da população em escalas regionais, elas também se atribuem à relação entre oferta e procura por trabalho. E, ao passo que, nas experiências em urbanização, esta demanda não é devidamente atendida, a dramática da expansão das favelas e os problemas que as acompanham permanecem – e se complexificam. Em continuidade, a abordagem se volta para as experiências mais marcantes em urbanização de favela, com foco sobre a cidade do Rio de Janeiro, observando como os programas Favela Bairro e PAC incorporaram o conceito da reprodução social através da geração de trabalho e renda em suas respectivas diretrizes e ações práticas.

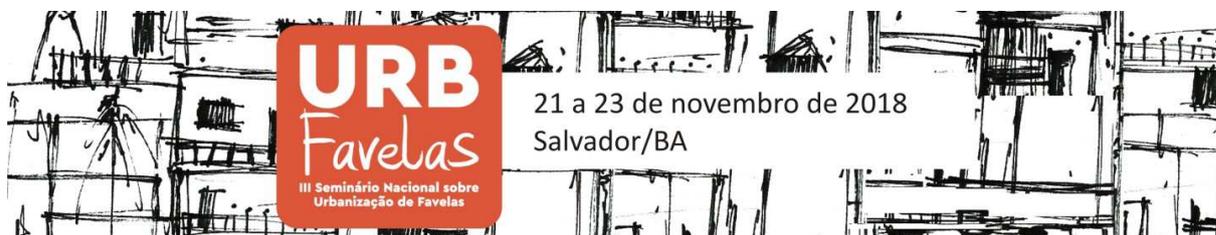


E, por fim, o trabalho aplica os conceitos e as análises apresentados através da abordagem do programa Morar Carioca na Favela Barreira do Vasco, na cidade do Rio de Janeiro, como estudo de caso. Aqui, observam-se as contradições entre as possibilidades de intervenção criadas por um escopo e as práticas de um programa inserido no paradigma do planejamento estratégico. Nesse caso, o programa se desvirtua e o plano para a Favela do Barreira do Vasco se descaracteriza. Com isso, as possibilidades de reprodução social a partir das propostas de espaços e equipamentos sociais para a geração de trabalho e renda se suprimem. E as práticas em urbanização de favelas reduzem seu alcance sobre a melhoria da qualidade de vida local.

Com a conclusão deste trabalho, percebe-se uma das limitações das experiências em urbanização em favelas. Assim como uma potencialidade que deve ser reforçada e praticada nos próximos programas e projetos. Defende-se, desta forma, que a urbanização deve criar espaços para o trabalho nas favelas – componente da reprodução social que ao mesmo tempo contribuirá para a melhoria da qualidade de vida e a própria possibilidade de produção social do espaço. Com isto, a própria condição influência da organização social sobre o espaço também pode se transformar: através da habitabilidade, da mobilidade, das possibilidades de realização de das demais atividades cotidianas e do acesso a demais bens e serviços urbanos. Assim, espera-se uma constante observância dos escopos e das práticas em urbanização de favelas, com a atenção para a garantia da provisão desses espaços e equipamentos à comunidade local para sua integração social, e não apenas físico territorial, à cidade.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. MINISTÉRIO DAS CIDADES. SECRETARIA NACIONAL DE HABITAÇÃO. **Urbanização de Favelas: a experiência do PAC**. Brasília: Ministério das Cidades, Secretaria Nacional de Habitação, 2010. Disponível em: <<http://www.capacidades.gov.br/biblioteca/detalhar/id/166/titulo/urbanizacao-de-favelas>>. Acesso em: 29 mai. 2018.
- BRASIL. MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO, DESENVOLVIMENTO E GESTÃO. **PAC: 6º Balanço (2015-2018)**. Brasília: Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão, 2018. Disponível em: <<http://www.pac.gov.br/pub/up/relatorio/11f9f67b5f3be.pdf>>. Acesso em: 29 mai. 2018.
- CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983
- CONDE, Luiz Paulo, MAGALHÃES, Sérgio. **Favela Bairro: uma outra história da cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Vivercidades, 2004.
- DAVIS, Mike. **Planeta Favela**. São Paulo: Boitempo, 2006.



IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (2013). CENSO DEMOGRÁFICO 2010. Aglomerados subnormais: informações territoriais. Rio de Janeiro: 2013. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/aglomerados_subnormais_informacoes_territoriais/default_informacoes_territoriais.shtm>. Acesso em: 23 mai. 2018.

FERREIRA, Lara. Arquitetos Militantes na Urbanização de Favelas. In: Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional (ENANPUR), 17, 2017, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: FAUUSP, 2017. p. 1-15. Disponível em: <http://www.anpur.org/xviienanpur/principal/?page_id=1273>. Acesso em: 22 mai. 2018.

FILHO, Valdelei Peretti, CUNHA, Marina Silva da. Diferenças Regionais na Oferta de Trabalho no Brasil. **IGEPEC, Revista de Desenvolvimento Regional e Agrenegócio**, TOLEDO, Cascavel, v. 21, n. 1, p. 135-148, jan/jun 2017.

GOTTDIENER, Mark. **A Produção Social do Espaço Urbano**. São Paulo: Edusp, 2010.

HDA – HEITOR DERBLI ARQUITETOS ASSOCIADOS (2012a). *Macro Diagnóstico Urbanístico das Favelas do Agrupamento 01*. Apresentação em diapositivo (slides).

_____ (2012b). *Plano de Integração das Favelas do Agrupamento 01*. Apresentação em diapositivo (slides).

_____ (2014). *Projetos para Urbanização das Favelas do Agrupamento 01 pelo Programa Municipal de Integração de Assentamentos Precários e Informais – Morar Carioca*. Projeto Urbanístico.

LEFEBVRE, Henry. *La production de l'espace*. 4.ed. Paris: Éditions Anthropos, 2000.

MARICATO, Ermínia. Um mundo dominado pelas favelas. **Vitruvius**, São Paulo, ano 6, 063.02, mar. 2007. Resenhas online. Disponível em: <www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/06.063/3116>. Acesso em: 22 mai. 2018.

PEREIRA, Sílvia. R. Gottdiener, M. A produção social do espaço urbano. **Biblio3W, Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales**, Universidad de Barcelona, Vol. X, nº 615, 20 nov. 2005. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/b3w-615.htm>>. Acesso em: 25 mai. 2018.

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO (PCRJ). **Plano Estratégico da Prefeitura do Rio de Janeiro (2009-2012)**. Poder Executivo, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/6616925/4178940/planejamento_estrategico_site_01.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2018.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Edusp, 2009.

SMH/SUBPO/PPP/GP (2012). *Caderno de especificações de Projetos do Programa Municipal de Integração de Assentamentos Precários Informais – Morar Carioca*. Rio de Janeiro: SMH/SUBPO/PPP/GP.

SOARES, Bernardo Nascimento. **A Cidade Democrática: reflexões sobre a incorporação da participação social a partir da experiência do programa Morar Carioca na Barreira**



do Vasco, Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Engenharia Urbana) – Programa de Engenharia Urbana, Universidade Federal Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2016.

_____. Planejamento Participativo na Urbanização de Favelas: o Morar Carioca na Barreira do Vasco, Rio de Janeiro. In: II SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE URBANIZAÇÃO DE FAVELAS, 2, 2016a, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 2016. Disponível em: <<http://www.urbfavelas.org.br/wp-content/uploads/2017/02/index.html>>. Acesso em: 8 jun. 2018.

SOUZA, Maria Julieta Nunes de. Morar Carioca, a intenção e o gesto: limites do planejamento na gestão urbana contemporânea. São Bernardo do Campo: I SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE URBANIZAÇÃO DE FAVELAS, 1, 2014. **Anais eletrônicos...** Disponível em:

<<http://www.sisgeenco.com.br/sistema/urbfavelas/anais/ARQUIVOS/GT1-102-78-20140630193432.pdf>>. Acesso em 02 ago.2016.

UOL NOTÍCIAS. Dados do IBGE mostram perfil de favelas e moradores. **UOL**, São Paulo, 05 Nov. 2013. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/infograficos/2013/11/05/dados-do-ibge-mostram-perfil-de-favelas-e-moradores.htm>>. Acesso em: 14 mai. 2018. Disponível em: http://arquivos.proderj.rj.gov.br/egprio_imagens/Uploads/Alpes_censo.pdf. Acesso em: 29 mai. 2018.